

O MOVIMENTO ESTUDANTIL FRENTE AOS DESAFIOS DA MUSICOTERAPIA:
A EXPERIÊNCIA DO CAMT-RJ/CBM-CEU

Pollyanna Ferrari*
Lucas Antunes Tibúrcio**
Ana Carolina Arruda***

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca do papel do movimento estudantil da graduação em Musicoterapia, frente aos desafios dessa profissão. Para isso, evidencia a importância da ação dos Centros e Diretórios Acadêmicos nos âmbitos educacionais, culturais e sócio-políticos. É fundamental, para tanto, o esclarecimento das funções de um Centro Acadêmico, bem como de suas possíveis áreas de atuação. Ilustra-se, a título de exemplificação, a atividade do Centro Acadêmico de Musicoterapia – Rio de Janeiro, do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (CAMT-RJ/CBM-CEU), percorrendo sobre seu histórico. Baseia-se na produção literária de musicoterapeutas acerca da formação profissional, atualização, atuação e da mobilização política da categoria. Espera-se, com este artigo, incentivar a criação de Centros Acadêmicos e de outras entidades representativas dos estudantes de Musicoterapia, a nível estadual e federal, bem como o fortalecimento e ampliação do movimento estudantil e, por consequência, do movimento da classe musicoterapêutica.

PALAVRAS CHAVES

Movimento Estudantil, Musicoterapia, Desafios, CAMT-RJ/CBM-CEU.

ABSTRACT

This article presents some reflections about the Music Therapy undergraduate students' political movement towards the challenges in the profession. It emphasizes the importance of Student Advocacy, Academic Union and Student's Activities Centers in cultural, educational, social and political environments as well as their possible areas of practice. The study takes as an example, the history of the Centro Acadêmico de Musicoterapia (Music Therapy Academic Union) - Rio de Janeiro, at the Conservatório Brasileiro de Música (Brazilian School of Music) - Centro Universitário. This

* Graduada em Musicoterapia pelo CBM-CEU. Cursa pós-graduação em Saúde Mental pela UFRJ nos moldes de Residência, atuando no Instituto Municipal Phillippe Pinel e no CAPs Ernesto Nazareth. Presidente e membro fundador do DCE Pedro Dominguez (2005/2006). Presidente e membro fundador do CAMT-RJ/CBM-CEU (2007/2008). Segunda secretária da AMT-RJ (2008/2010). Contato: pollyannaferrari@globo.com

** Aluno do 4º ano de Musicoterapia. Vice-Presidente e membro fundador do CAMT-RJ/CBM-CEU (2006/2007). Presidente do CAMT-RJ/CBM-CEU (2007/2008). Atualmente, segundo tesoureiro do CAMT-RJ/CBM-CEU. Estagiário da Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco, da Maternidade Escola da UFRJ e da Pousada Otero Bastos Residencial para Idosos. Contato: lucasan@terra.com.br

*** Aluna do 4º ano de Musicoterapia do CBM-CEU. Vice-Presidente do CAMT-RJ/ CBM-CEU (2007/2008 e 2008/2009). Estagiária da Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco e da Maternidade Escola da UFRJ. Contato: anacarolinaarrudacosta@yahoo.com.br

description is based upon the literature related to accreditation, professional background, updating data, professional achievements and mobilization in the Music Therapy field. It is hoped that these reflections encourage the creation of other advocacy endeavors, such as Music Therapy students' centers and representative organizations among the states and all over the country, as well as reinforce the strengthening and expansion of student's movements and consequently, the music therapist's domain as a whole.

KEYWORDS

Student Movement, Music Therapy, Challenges, CAMT-RJ/CBM-CEU.

O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca do papel do Movimento Estudantil dos alunos de graduação do curso de Musicoterapia nos enfrentamentos dos desafios dessa profissão. Para isso, evidencia-se a importância da ação dos Centros e Diretórios Acadêmicos nos âmbitos educacionais, culturais e sócio-políticos. Este artigo foi motivado pela experiência dos autores no Movimento Estudantil no Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário (CBM-CEU) no período de 2005 a 2009. Utiliza-se o Centro Acadêmico de Musicoterapia do Rio de Janeiro do CBM-CEU (CAMT-RJ/CBM-CEU) para ilustrar a relevância do movimento dos estudantes e suas reverberações na Musicoterapia, para além da universidade. São reconhecidos, de antemão, iniciativas de organizações estudantis em outros estados; no entanto, opta-se por restringir esta descrição ao mencionado CAMT-RJ. Pretende-se aproximar o Movimento Estudantil da teoria do movimento social à luz de estudiosos como o italiano Alberto Melucci, bem como as reflexões da brasileira Ilse Scherer-Warren.

“Movimentos são sistemas de ações, redes complexas entre os diferentes níveis e significados da ação social” (MELUCCI *apud* GOHN, 1997, p. 155). O que caracteriza um movimento social é a luta de atores¹ por algo em comum (GOHN, 1997). Melucci vê a interação do ator numa ação coletiva como resultado de múltiplos processos e diferentes orientações. “Há um processo relacional, e este cria a identidade coletiva do grupo” (MELUCCI *apud* GOHN, p.158).

Para Melucci (2007) a juventude tem sido um dos atores centrais em diferentes ondas de mobilização coletiva. Como exemplo disso, cita o Movimento Estudantil desde os anos 60 até os dias atuais.

¹Entende-se atores como “agentes dinâmicos, produtores de reivindicações e demandas, não como simples representantes de papéis atribuídos de antemão pelo lugar que ocupariam no sistema de produção” (TOURAINÉ *apud* GOHN, 1997, p. 143).

De acordo com a Cartilha de Centros e Diretórios Acadêmicos da União Nacional de Estudantes – UNE (2009), o Movimento Estudantil, em relação ao ensino superior, é atualmente formado por oito organizações políticas que abrangem diferentes comunidades estudantis. São elas, hierarquicamente: Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes (OCLAE), UNE, União Estadual dos Estudantes (UEE), Executivas de Curso, Diretório Central dos Estudantes (DCE), Centro Acadêmico (CA), o Centro e Circuito Universitário de Cultura e Arte (CUCA) e as Atléticas, associações esportivas.

Para contextualizar o CAMT-RJ/CBM-CEU, é preciso primeiro compreender quais são as funções de qualquer Centro Acadêmico. Ainda segundo a cartilha da UNE, o CA atua dentro da universidade como representante dos estudantes de um mesmo curso ou faculdade. Quando sua representação abrange estudantes de mais de um curso ou faculdade dentro da universidade, admite a forma de Diretório Acadêmico (DA). Estas duas organizações são o núcleo central de toda a rede do Movimento Estudantil.

A cartilha da UNE (2009) preconiza que cabe ao Centro Acadêmico desenvolver as lutas locais, realizando discussões com os estudantes do curso a fim de encontrar soluções para os problemas enfrentados, seja na relação com os professores, temas vinculados aos conteúdos e currículos dos cursos, ou mesmo em questões administrativas. Também cabe lutar contra o aumento das mensalidades e contra as ações que firam o direito dos estudantes inadimplentes, por exemplo. Nas universidades públicas, é o papel do Centro Acadêmico observar as formas de aplicação dos recursos e a transparência na gestão da instituição. Cabe ao CA, ainda, promover a integração dos estudantes através de atividades culturais e acadêmicas, como palestras e seminários, festas, confraternizações, festivais de arte e cultura, bem como atividades esportivas.

A atuação do CAMT-RJ/CBM-CEU não se resume a questões institucionais e acadêmicas, uma vez que existe uma demanda de articulação política na Musicoterapia. Expande sua atuação visando o reconhecimento social da profissão, tendo em vista os desafios, que serão aprofundados posteriormente.

A Formação do CAMT-RJ/CBM-CEU e sua Atuação

Ao longo da história do curso de Musicoterapia e do CBM-CEU, o Movimento Estudantil já existiu, ora atuante, ora sem muita repercussão. Nos últimos quatro anos a

instituição e a comunidade musicoterápica tem presenciado uma crescente movimentação por parte dos alunos da graduação. O Diretório Central de Estudantes Pedro Dominguez, criado no ano de 2005, iniciou um movimento que culminou na criação do CAMT-RJ/CBM-CEU.

Em setembro de 2006, alunos do primeiro, segundo e terceiro ano, reunidos no XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, em Goiânia, comentavam sobre o desejo de se entrosarem mais, tanto social quanto musicalmente, assim como de promoverem eventos que aos alunos pudessem interessar. A partir da dificuldade do DCE em reunir estudantes de diferentes cursos, foi pensada a possibilidade de criar um CA de Musicoterapia como estratégia para viabilizar a continuidade do Movimento Estudantil. Sendo assim, em 2006, o DCE foi desativado e o CAMT-RJ/CBM-CEU, fundado. A diretoria do CA tomou posse no dia 11 de outubro de 2006, composta pelos alunos Pollyanna Ferrari (Presidente), Lucas Tibúrcio (Vice-Presidente), Gabriela Santos (Tesoureira), Marília Schanuel (Diretora de Comunicação), Kenia Bianor (Secretária Geral) e Sarah Chaves (Suplente).

O CAMT-RJ/CBM-CEU surgiu em contexto de mudanças de gestão da diretoria da Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro (AMT-RJ), da direção geral do CBM-CEU e da coordenação do curso de Musicoterapia, além da presença do Secretário Geral da União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) no Rio de Janeiro. A nova postura política adotada por essas instâncias foi marcada pelo incentivo ao Movimento Estudantil e pela consolidação da parceria entre profissionais e alunos da classe. Este cenário contribuiu para a realização de novas propostas e reforçou uma mobilização mais expressiva da categoria frente a suas lutas políticas. A primeira gestão do CAMT- RJ/CBM-CEU assim se definiu:

O CAMT-RJ vem representar os alunos, sendo a voz dos mesmos², a fim de promover a realização de eventos em prol da Musicoterapia, a integração entre alunos, musicoterapeutas e instituições, levar adiante a luta dos estudantes representados em defesa de seus interesses, entre outros objetivos (CAMT-RJ, 2007, p. 4).

Desafios da Musicoterapia e o Movimento Estudantil

² Atualmente, os autores não reconhecem o CA como a voz dos alunos, pois estes têm voz própria. Entendem que o CA representa os estudantes e atua como “amplificador” da voz dos mesmos.

Identificam-se em escritos de musicoterapeutas, como Bárbara Hesser (1996), Lia Rejane Barcellos (2004), Marco Antônio Santos (2007) e Marly Chagas (In: CHAGAS e PEDRO, 2008), alguns desafios relacionados à Musicoterapia, mesmo que não nomeados dessa forma. Esses desafios englobam desde problemáticas de ordem econômica a questões acadêmicas; de lutas políticas a inquietações do contexto social brasileiro; de impasses criados pelo meio científico a demandas paradigmáticas. É relevante frisar que tais desafios surgem em um cenário contemporâneo, complexo, com todas as implicações econômicas, sociais, políticas e subjetivas que o sistema capitalista neoliberal, a realidade social e a saúde pública podem gerar.

Santos (2007) afirma que os musicoterapeutas constituem um grupo bastante pequeno em relação aos demais que atuam na área da Saúde. A Musicoterapia é uma profissão recente no Brasil. A primeira turma foi graduada no Rio de Janeiro pelo Conservatório Brasileiro de Música em 1975. No cenário nacional há, atualmente, oito³ graduações. Duas estão em universidades federais, sendo elas a Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Há também uma graduação em faculdade estadual, a Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Existem cinco⁴ graduações em instituições privadas, sendo elas: Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (CBM-CEU) no Rio de Janeiro, Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e Faculdade Paulista de Artes (FPA) na grande São Paulo e, por fim, Faculdades EST em São Leopoldo/RS.

No Rio de Janeiro, o número de formandos por ano é limitado, tendo uma instituição privada como único curso formador de musicoterapeutas. Segundo dados oficiais cedidos pela AMT-RJ (2009), até 2008, a graduação em Musicoterapia do CBM/CEU formou mais de 430 musicoterapeutas, em média 13 por ano. A pós-graduação da mesma instituição formou de 1992 a 2008 mais de 100 especialistas, cerca de 07 por ano.

Talvez pelo fato de a Musicoterapia ainda figurar como um campo novo, com poucos profissionais, seja difícil encontrar expressiva produção bibliográfica. Aliado a

³ Páginas das instituições consultadas: www.ufg.com.br; www.musica.ufmg.br; www.cbm-musica.org.br; www.est.com.br; www.fpa.art.br; www.fapr.br; www.fmu.br/site; www.unaerp.br. Acesso: agosto de 2009.

⁴ Sabe-se da existência do curso de graduação em Musicoterapia na Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), entretanto, até a presente data, consta no site desta apenas a pós-graduação em Musicoterapia *Lato Sensu*.

isso, em geral, não há tradição de pesquisa nem de estudo no Brasil, como afirma Barcellos (2004). Em relação à pesquisa, Chagas e Pedro (2008, p. 62) apresentam o que nomeiam como um terrível dilema:

(...) precisamos obedecer às regras estabelecidas pelos modernos órgãos de fomento à pesquisa – pois daí advém os recursos necessários para desenvolver o conhecimento musicoterapêutico –, mas esta mesma política nos coloca regras às quais não conseguimos nos adequar. Essa política afasta nossas pesquisas dos programas de Mestrado e Doutorado, com a justificativa de que não temos doutores em Musicoterapia para orientá-los. Sofremos o ineditismo de um campo interdisciplinar que se constitui novo e que, apesar de precisar de pesquisa para se desenvolver, encontra na própria pesquisa o impedimento da sua continuidade.

Apesar de todos os entraves apresentados, atualmente a pesquisa em Musicoterapia encontra-se em crescimento no Brasil, o que pode ser evidenciado através de dados (ZANINI et al., 2009)⁵ apresentados no XIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM) em Curitiba. Esses dados apontam, entre os graduados ou especialistas em Musicoterapia, 18 doutores, 12 doutorandos, 50 mestres e 26 mestrandos. Ainda assim, a categoria conta com poucos pesquisadores. A publicação de artigos, o fomento e a realização de pesquisas em Musicoterapia, assim como a formação de pesquisadores é uma condição fundamental para o desenvolvimento e legitimação científica da profissão no País.

Faz-se necessário que a sociedade tenha um conhecimento cada vez maior da existência da Musicoterapia. A divulgação, neste sentido, contribui para que a profissão seja reconhecida e o mercado de trabalho ampliado, o que ocorre reciprocamente. Todos os desafios e questões apresentados estão interligados, por fazerem parte de um mesmo campo complexo.

Numa sociedade complexa o reconhecimento de uma nova especialidade, como a Musicoterapia, envolve questões de ordem científica (capacidade de justificar teoricamente junto à comunidade científica os princípios e métodos da nova prática e demonstrar a sua eficácia na clínica) e questões políticas como o convencimento de amplos setores a respeito da sua importância e eficácia (SANTOS, 1996, p. 44).

Hesser (1996) indica a necessidade da construção de um paradigma⁶ da Musicoterapia através do desenvolvimento de uma fundamentação teórica própria. Para

⁵ Esse trabalho será publicado nos Anais do XIX Congresso da ANPPOM no site www.anppom.com.br

⁶ Kuhn define um paradigma como algo que unifica as comunidades científicas, ao afirmar que “o paradigma é uma estrutura de pensamento e um conjunto de crenças e afirmações que explicam certos

a autora (apud HESSER, 1996, p. 2), “fortalecer a identidade da Musicoterapia como uma disciplina distinta e separada se constitui como um grande desafio”.

No Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004, p. 295) o termo *desafio* é definido como incitação à disputa, à luta; provocação. Portanto, não se pode atribuir, *a priori*, uma valoração a qualquer desafio, uma vez que esse pode ser entendido tanto como uma dificuldade ou impasse, como uma oportunidade ou provocação para mudança. O desafio, então, gera movimento.

Dados os desafios da Musicoterapia, os estudantes são provocados a produzir mudanças. Desde o seu início, o CAMT-RJ/CBM-CEU, movido pelos inúmeros desafios apresentados, estipulou entre suas metas, a atuação no campo sócio-político da Musicoterapia. Sendo assim, expandindo sua atuação para além da instituição a que está vinculado, nesses quatro anos, o CAMT-RJ realizou cursos, palestras, debates, workshops, grupos de estudo, encontros, festas, shows, em parceria com CBM, AMT-RJ, Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco, CAMT-FAP, EKI Estação Musicoterapia, Associação de Moradores da Cardoso Junior, entre outros.

No Código de Ética proposto pela UBAM (2009), consta como responsabilidades de cada musicoterapeuta para com a profissão o desenvolvimento da mesma nos seus aspectos científico, clínico, educacional, bem como da organização profissional e de sua divulgação na comunidade. Além disso, o musicoterapeuta deve se empenhar em ampliar e fortalecer a Associação Regional e a Nacional, órgãos representativos e agregadores dos profissionais de Musicoterapia. O enfrentamento dos desafios depende do engajamento dos musicoterapeutas e, defende-se aqui, dos estudantes também.

Os estudantes, em sua maioria, trazem novas propostas e olhares para o instituído, questionando o sistema vigente. Iniciam o curso com disposição para enfrentar os desafios, impulsionam novos movimentos. No percurso do CAMT-RJ/CBM-CEU foi fundamental contar com a experiência dos professores e profissionais para indicar os caminhos, apontar tentativas já realizadas, além de dar respaldo aos estudantes.

O Movimento Estudantil, entendido como movimento social, reafirma e consolida as identidades coletivas e projetos/utopias, que reforçam o sentimento de

aspectos do campo. Um novo paradigma substitui um antigo quando um grande número de pensadores aceita esses novos preceitos” (apud HESSER, 1996, p. 3).

pertencimento, bem como dão longevidade e significação ao movimento (SHEREN-WARRER, 2006). Portanto, é nesse espaço que o empoderamento político e simbólico das organizações de base local se constrói e se reconstrói de forma mais efetiva.

É de grande importância a consolidação do Movimento Estudantil na Musicoterapia, visto que o mesmo contribui para a formação de profissionais mais engajados politicamente. Estudantes politizados aumentam o quórum dos que lutam por mais conquistas frente aos desafios da profissão. Segundo Silva (2007, p.3) “o movimento de organização estudantil ressurgiu no CBM-CEU como uma grande contribuição para a maturação política na formação do aluno”. A autora acredita que o aluno poderá continuar o seu percurso profissional mais ciente de seus compromissos e responsabilidades em relação à gestão de sua carreira.

Os projetos, metas e desafios da Musicoterapia reforçam o movimento da categoria. A regulamentação da profissão e a entrada da mesma no Código Brasileiro de Ocupações podem ilustrar a necessidade de engajamento político e de união de forças em prol dessas conquistas.

No ano de 2008, ocorreu uma Audiência Pública presidida pelo Vereador Dr. Carlos Eduardo na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, na qual foi ressaltada a necessidade de reconhecimento da Musicoterapia e ampliação do mercado de trabalho na área da Saúde Pública para esses profissionais. Nesta situação, o Centro Acadêmico realizou a “Passeata CAMTante” em que profissionais e alunos foram juntos até o local da audiência cantando e tocando diversos instrumentos musicais, distribuindo panfletos informativos sobre a Musicoterapia e portando faixas confeccionadas pelos próprios alunos, contendo dizeres esclarecedores sobre a profissão.

Ficou evidenciada a potencialidade da união estudantil frente aos desafios de reconhecimento e divulgação da profissão, visto a repercussão e importância agregadas à passeata. A representatividade da categoria foi fortalecida pela presença de 89% dos alunos matriculados no curso. Esse ato contribuiu também para o fortalecimento do movimento político dos estudantes e profissionais.

Melucci (*apud* GOHN, 1997) chama atenção para o fato de que nos movimentos sociais atuais os iniciadores das ações não são os marginalizados, mas sim lideranças com prática anterior. Para este autor, os movimentos que se mobilizam mais contam com a experiência de participação, que advém do fato de já conhecerem os

procedimentos e métodos de luta, possuem líderes próprios e um mínimo de recursos de organização, além de já utilizarem redes de comunicações existentes para veicular novas mensagens e novas palavras de ordem.

A experiência dos movimentos, sua consolidação e engajamento político são fundamentais para uma maior mobilização dos atores envolvidos. Tal apontamento indica a necessidade contínua de fomentação e articulação dos movimentos existentes na Musicoterapia, bem como a criação de outros movimentos estudantis, uma vez que é, em geral, neste espaço onde se inicia a experiência de participação política. O protagonismo começa a ser exercido quando os alunos saem da posição de esperar que mudanças venham de fora e passam a ter uma participação ativa. Todos são importantes, agentes de mudança, propulsores de movimento, atores em potencial.

Espera-se, com este artigo, incentivar a criação e manutenção de Centros Acadêmicos e de outras entidades representativas dos estudantes, a nível estadual e federal. Com isso, o Movimento Estudantil é fortalecido e ampliado, o que favorece o engajamento dos alunos em defesa dos seus interesses e sua atuação reverbera na classe musicoterapêutica.

O Movimento Estudantil, entendido como movimento social, contribui para a formação de atores. O empoderamento do Movimento Estudantil se dá através da participação, da articulação política e da mobilização coletiva. A ação coletiva tem mais força, pois potencializa o poder de transformação e o enfrentamento dos desafios contemporâneos no cenário da Musicoterapia. As inquietações e tensões, assim como acontece na música, são propulsoras de movimento e de dinâmica. É através do movimento que mudanças são possíveis.

Muda, que quando a gente muda
o mundo muda com a gente
A gente muda o mundo na mudança da mente
E quando a mente muda a gente anda pra frente
[...] Na mudança de postura a gente fica mais seguro
Na mudança do presente a gente molda o futuro ⁷

⁷ Trecho da música “Até Quando” de Gabriel o Pensador

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lia Rejane M. Sobre Pesquisa em Musicoterapia. In: BARCELLOS, L. **Musicoterapia: alguns escritos**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004. p. 27-41.

CAMT-RJ – Centro Acadêmico de Musicoterapia do Rio de Janeiro. Novo CAMT. **Informativo AMT-RJ**, Rio de Janeiro, Ano XXVI, n. 1, mar/maio, 2007, p. 4.

CHAGAS, Marly; PEDRO, Rosa. **Musicoterapia: desafios entre a Modernidade e a Contemporaneidade – Como sofrem os híbridos e como se divertem**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Posigraf, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **A teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

HESSER, Bárbara. **Teoria da Musicoterapia**. Tradução: Lia Rejane Mendes Barcellos. Título Original: Music Therapy Theory. New York, 1996, Texto não publicado.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Juventude e Contemporaneidade** – Coleção Educação para todos v.16. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/images/stories/Documentos/juventude%20e%20contemporaneidade.pdf#page=27>. Acesso: maio de 2009.

SANTOS, Marco Antônio. Sobre Musicoterapia e identidade profissional. **Informativo AMT-RJ**, Rio de Janeiro, Agosto, 2007, p.4.

_____. Musicoterapia - Aspectos da construção da carreira. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Rio de Janeiro, 1996, Ano I, n. 2, p.40-47.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922006000100007&script=sci_arttext. Acesso: abril de 2009.

SILVA, Raquel S. Formação do musicoterapeuta e práticas políticas. **Informativo AMT-RJ**, Rio de Janeiro, Agosto, 2007, p. 3.

UBAM. **Código de Ética**. Disponível em: <http://www.amtrj.com.br/codigo2.shtml>. Acesso: Agosto de 2009.

UNE. **Campanha da UNE pela construção e Cadastramento de Centros Acadêmicos: onde tem centro acadêmico tem luta pelos seus direitos**. Disponível em: <http://www.une.org.br>. Acesso: abril de 2009

ZANINI, C. et al **Atualizando dados sobre Pesquisa e Musicoterapia**. Curitiba, 2009, Texto não publicado.